

A DIALÉTICA DOS ASPECTOS SUBJETIVOS E OBJETIVOS QUE ENVOLVEM A ESCOLHA PELA PROFISSÃO DE SUPERVISOR ESCOLAR

Cristiane de Sousa Moura Teixeira¹
Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Piauí - SEDUC
Email: cris_smoura23@hotmail.com

RESUMO

O processo de constituição da identidade profissional envolve múltiplos aspectos, tais como: perfil social e profissional, processos formativos, fatores que implicam a escolha profissional, sentimentos vivenciados na profissão e o próprio processo biográfico do indivíduo. No entanto, nos propomos neste artigo discutir de modo específico os aspectos subjetivos e objetivos que implicam na escolha profissional e como tais aspectos participam do processo de constituição da identidade dos supervisores escolares. A discussão aqui apresentada resulta de pesquisa realizada em curso de Mestrado em Educação que foi desenvolvida mediante abordagem qualitativa por meio de estudos teóricos e pesquisa de campo. Os estudos teóricos tiveram como suporte a concepção psicossocial de identidade proposta por Ciampa (2005). Já na pesquisa de campo, aplicamos questionário com questões abertas e fechadas a 73 supervisores. Os resultados obtidos analisados por meio da técnica da análise de conteúdo, permitiram-nos compreender que embora os aspectos subjetivos tenham tido maior peso, a escolha profissional envolve a articulação dialética entre aspectos subjetivos e objetivos.

Palavras - chave: Identidade profissional. Supervisão escolar. Escolha profissional

Introdução

Os estudos sobre a supervisão escolar não são recentes, vários autores têm se dedicado ao estudo desta atividade profissional. Um levantamento sobre tais estudos revela que esta tem sido pesquisada e discutida por diversos autores em diferentes momentos históricos dessa profissão, dentre eles destacamos: Silva Jr (1977), Nogueira (1987), Almeida (1992), Medina (2002). No Piauí, destacamos os trabalhos de Carvalho (1989), Braga (1999), Teixeira (2004) e Medeiros (2007). Estes estudos têm buscado compreender o movimento histórico e, sobretudo, a atuação deste profissional

A contemporaneidade tem provocado a necessidade de compreender a complexidade que envolve o processo educativo, e os seus profissionais o que tem tornado cada vez mais comum pesquisas que procuram investigar a identidade daqueles que participam da educação formal. Assim, compreender o processo de constituição da

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia da Educação – NEPEd/UFPI. Supervisora da rede estadual de educação do Piauí. E-mail: cris_smoura23@hotmail.com

identidade profissional dos Supervisores escolares que atua na rede pública estadual do Piauí, não significou apenas o objetivo a ser atingido no desenvolvimento de uma pesquisa, mas trata-se, sobretudo de compreender a identidade de uma categoria profissional a qual faço parte.

Desse modo, questionamos: como vem se constituindo a identidade dos supervisores escolares que atuam na rede pública estadual da cidade de Teresina (PI)? Que fatores ou aspectos participam do processo de escolha profissional?

Tais questionamentos fizeram parte da pesquisa que desenvolvemos no Curso de Mestrado em Educação e nos conduziram ao desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa que se fundamentou na concepção psicossocial da identidade desenvolvida por Ciampa (2005). Além dos estudos teóricos, realizamos pesquisa de campo, na qual aplicamos questionário com questões abertas e fechadas a 73 supervisores que atuam na rede estadual do Piauí, na cidade de Teresina. Os dados obtidos foram analisados por meio da técnica da análise de conteúdo (BARDIN, 2004).

O presente artigo encontra-se estruturado três partes. Inicialmente, explicamos alguns pressupostos da concepção psicossocial de identidade; na segunda parte, explicamos os procedimentos metodológicos da pesquisa de campo e, por fim na terceira parte, discutimos os resultados relativos à escolha profissional.

1. Concepção Psicossocial de Identidade

Ciampa (2005) desenvolve a concepção de identidade partindo do pressuposto de que ao longo da nossa vida assumimos concomitantemente diversos papéis mediante ações que realizamos e que são nomeadas e determinadas pela sociedade, assim agimos mediante as determinações sociais e as expectativas dos outros. Agir é então, assumir um determinado papel que se revela coisificado sob a forma de um personagem. Isto significa que tais papéis são desempenhados mediante a configuração de personagens e cada personagem revela um aspecto da identidade que está sendo constituída. Ou ainda, para cada papel social que assumimos uma identidade está sendo pressuposta e, ao ser configurado pelo indivíduo passa a ser re-posta. A re-posição pode ser compreendida como a re-afirmação cotidianamente daquilo que estou sendo, por meio das minhas atitudes, do meu comportamento, ou ainda por meio daquilo que os outros acham que estou sendo. A pressuposição e a re-posição revelam a dinamicidade da identidade, ao

mesmo tempo em que oculta o seu movimento, a sua metamorfose, revelando-se como estática, como não metamorfose.

O trabalho de re-posição dá corpo à *mesmice*, o que significa que a identidade está sendo encarada como uma manifestação do nosso Eu, como traço estático do ser, ou seja, como se fôssemos sempre o mesmo e não estivéssemos em constante movimento e transformação. Nesta situação o indivíduo não se percebe em mudança, mas como se fosse sempre ele mesmo; ou ainda, o indivíduo não consegue encarnar outros personagens e fica repetindo sempre as mesmas. Isso cria o que Ciampa (2005) chamou de *identidade-mito*; ele, não encarna um novo personagem e, fica preso àquele sem enxergar a possibilidade de superação rumo a outras possibilidades.

O movimento muitas vezes se revela como não movimento, isso acontece porque não conseguimos perceber seu processo de produção, pois costumeiramente compreendemos a identidade como fixa, imutável, como se fôssemos sempre igual ao que já fomos. Compreendê-la assim é deixar de fora aquilo que permeia sua produção.

Entretanto, é preciso lembrar que o indivíduo não é só moldado, mas ele também possui a capacidade de moldar-se, de se transformar, afinal a nossa realidade é uma possibilidade concretizada entre tantas outras que nos é possível, mas para viver outra possibilidade é necessário transformar as determinações exteriores em *autodeterminação*. Nesse aspecto, torna-se relevante ressaltar a unidade que existe entre a objetividade e a subjetividade, segundo a qual o indivíduo apreende o mundo como uma realidade social e, portanto dotada de sentido. Para isto, ele deve assumir o mundo, considerando que neste os outros já vivem, e ao assumi-lo fazemos de uma maneira bastante pessoal e até original, visto que isso se encontra intimamente relacionado aos sentidos que atribuímos aos fatos do nosso cotidiano. Ao ter consciência da realidade, o indivíduo torna-se capaz não só de compreendê-la, atribuindo-lhe significado e dando-lhe sentido, como também pode provocar mudanças (BERGER; LUCKMANN, 1985).

2. Procedimentos metodológicos

A pesquisa desenvolvida constituiu-se como qualitativa e possui, essencialmente, caráter descritivo e interpretativo (CHIZZOTTI, 2002). A escolha por esta abordagem, parte da compreensão de que a identidade do profissional da educação é algo peculiar, e deve ser indagada a partir da própria complexidade da realidade que a produz historicamente. Isto explica que a realidade, os modos de pensamento, o

comportamento individual e coletivo, as normas de convivência, os costumes e as instituições sociais são criações convencionais dos indivíduos e dos grupos sociais ao longo da sua história, ou seja, são produtos históricos gerados a partir de circunstâncias em que os homens constroem, elaboram ativamente, numa relação dialética com o mundo. Dessa forma, consideramos a realidade como algo que é construído continuamente, o que significa que não é algo pronto e acabado, mas sim transformado, mediada pela ação humana.

De acordo com Teixeira (2005, p. 140), na abordagem qualitativa, “[...] o social é visto como um mundo de significados passível de investigação e a linguagem dos atores e suas práticas, as matérias-primas dessa abordagem.” Partindo desse ponto de vista, buscamos utilizar técnica de construção de dados que priorizasse a voz dos interlocutores dessa pesquisa, utilizamos então, o questionário com questões abertas e fechadas, pela possibilidade de apreender as aspirações, crenças e valores dos sujeitos pesquisados. Entre as questões abertas do questionário, perguntamos aos supervisores: por que você escolheu ser supervisor escolar?

3. A dialética dos aspectos subjetivos e objetivos da escolha profissional

Considerando que as razões que levam o indivíduo a escolher determinada profissão incidirão de forma marcante no seu modo de ser e estar no mundo, é que nos propomos identificar quais são os fatores que direcionaram a escolha da profissão de supervisor escolar. Mas, não podemos esquecer que a escolha também implica a renúncia de outras possibilidades de ser e estar no mundo e que isso também orienta o modo como exercemos a profissão, pois ao escolher determinada atividade profissional, o indivíduo passa a ser reconhecido como parte de determinado grupo social.

Desse modo, entendemos que a escolha profissional “[...] é multi e sobredeterminada [...]” (BOHOSLAVSKY, 1983 *apud* SILVA, 1995, P. 29), o que significa que diversos fatores permeiam esse processo como as condições inerentes ao próprio indivíduo, como por exemplo, seus interesses e desejos ou ainda, às condições impostas pela sociedade e sua estrutura econômica.

Assim, para análise dos fatores que levam à escolha profissional organizamos os dados em duas categorias: os fatores ligados às condições objetivas e os fatores ligados às condições subjetivas, pois estamos partindo do pressuposto de que a escolha profissional é mediada tanto pelas questões suscetíveis aos fatores objetivos, como os

que se referem aos fatores subjetivos. Estamos chamando de condições objetivas àquelas que relacionamos às condições externas ao indivíduo e, condições subjetivas aquelas relacionadas ao indivíduo, à sua individualidade.

Dessa forma, do total de supervisores² pesquisados, 63%³ se referiram a fatores que estão vinculados às condições subjetivos, ao passo que 49,3% se referiram a fatores relacionados às condições objetivas. Os fatores subjetivos dizem respeito à identificação com a profissão, desejo de viver novo desafio, a história pessoal e, interesses pessoais que se constituem nas primeiras subcategorias; já os fatores objetivos estão relacionados à natureza da ação supervisora e suas possibilidades, a demanda da profissão e interesse da instituição e formam as segundas subcategorias.

Aspectos relacionados às condições subjetivas

A análise dos fatores subjetivos que implicam na escolha pela profissão de supervisor nos leva a compreender que a escolha encontra-se ligada ao indivíduo, às suas características, seus desejos, seus interesses e sua história de vida.

De acordo com 31,5% dos supervisores, eles escolheram a supervisão escolar por que se identificam com a profissão. Ao identificar-se com a profissão, revela o sentimento de que possuem as qualidades ou pré-requisitos necessários para pertencer a um determinado grupo social. Podemos então, entender que ao se escolher a profissão mediante o sentimento de identificação, ocorre a articulação das igualdades e diferenças (CIAMPA, 2005), afinal, são pessoas que na sua singularidade vêem a possibilidade de fazer parte de determinado grupo profissional:

Tendo em vista a minha satisfação em trabalhar na área pedagógica da escola acompanhando toda uma equipe de professores e alunos na busca pela construção do conhecimento [...] Foi aí que me encontrei profissionalmente (Supervisor 26);

Por me identificar com a profissão, pois sempre gostei de acompanhar o desenvolvimento das atividades educativas e, como supervisora tinha uma maior abrangência na área do ensino aprendizagem (Supervisora 36);

Porque gosto de trabalhar com os professores, com o objetivo de assessorá-los e também com a aprendizagem dos alunos. (Supervisora 57)

² O termo supervisores será usado para nos referirmos à categoria profissional e supervisoras escolares quando nos referirmos aos sujeitos desta pesquisa.

³ Alguns supervisores indicaram mais de um motivo, em razão disso os percentuais não fecham em 100%.

Isto permite destacar que quando os supervisores expõem sobre os fatores da sua escolha profissional o fazem revelando a consciência do que significa desenvolver a ação supervisora, dos seus pressupostos, da dinâmica do seu trabalho. O que pode ser percebido na fala da supervisora abaixo:

Escolhi a supervisão porque senti afinidade com o trabalho, há uma identificação com os pressupostos teóricos, com a dinâmica de trabalho, com a relação diária com os professores, alunos e o trabalho de mediação que se desenvolve no contexto escolar, como também por ser uma função de cunho social político (Supervisora 49).

Diante dos fatores que esta supervisora aponta para justificar a sua escolha pela profissão de supervisora escolar, percebemos que ao se identificar com a profissão, ela já possuía certa imagem social da profissão, imagem esta que pôde ser construída mediante o próprio convívio escolar como aluno ou mesmo como professor que acompanhou o trabalho de outro profissional. O outro surge então, como aquele que possui o domínio sobre o fazer desta atividade profissional e, por meio da relação que o indivíduo estabelece com outro, ocorre a interiorização de como o ele está compreendendo a profissão (CIAMPA, 2005).

Desse modo, entendemos que para haver identificação é preciso ter conhecimento sobre o desempenho de determinada profissão e esse conhecimento não se constrói apenas nos curso de formação, mas especialmente no convívio com os outros. A identificação também evidencia como estes supervisores compreendem a atividade profissional, para eles, é uma função eminentemente pedagógica, isto fica evidente quando eles afirmam que escolheram pela “satisfação em trabalhar na área pedagógica” (Supervisor 26), ou pela possibilidade de assessorar o trabalho do professor e, ainda podemos acrescentar, que essa atividade pedagógica é para eles “função de cunho social e político” (Supervisora 49).

Compreender a profissão sob este prisma significa reconhecer a importância social desta função no âmbito escolar e, ao mesmo tempo, é romper com o modelo de supervisão escolar já estereotipada de fiscalizadora, é perceber-se outro que é capaz de contribuir com prática educativa que se caracterize pela articulação, pela participação efetiva e pelo compromisso social. Essa forma de compreender a profissão indica os desejos e a necessidade de projetos comprometidos com a qualidade educacional.

Mas os supervisores também revelam ter consciência das dificuldades que são inerentes a esta profissão, conforme nos aponta a supervisora abaixo:

Gosto de trabalhar com o aluno e com o professor e envolvê-los em todas as atividades que a escola desenvolve, mesmo com todos os entraves estamos sempre tentando trabalhar de forma articulada, pensando sempre na tão sonhada qualidade (Supervisora 28).

Trabalhar de forma articulada implica ter consciência das mudanças porque passa a nossa sociedade e, conseqüentemente, a ação supervisora escolar. Isto exige que o profissional busque construir outro perfil de atuação com outras competências que possam responder às demandas.

As análises também revelam que 10,9% dos supervisores pesquisados revelam que escolheram a profissão de supervisor escolar movidos pelo próprio movimento da sua trajetória de vida pessoal e profissional, ou seja, a supervisão escolar surge como resultado da articulação da trajetória de vida pessoal e profissional. Assim relatam as supervisoras:

Fiz estágio sempre na área da supervisão e logo ao me formar fui convidada pela professora para coordenar uma escola da iniciativa particular de grande porte, desde então minha motivação foi crescendo e não consigo me ver fora da ação supervisora (Supervisora 23);

Na verdade escolhi Pedagogia, fiz primeiro, Administração Escolar, mas na época em que conclui o curso, administrar escolas era “função de confiança do governo”, então fiz supervisão escolar, até porque já me encontrava trabalhando nesta função (Supervisora 25).

Percebemos, nestes lampejos de memória de duas supervisoras, a articulação das condições subjetivas e objetivas, confirmando a multideterminação da escolha profissional. Por meio desses relatos podemos visualizar de forma mais nítida como o indivíduo interioriza o mundo objetivo e responde às expectativas da sociedade.

Além desses relatos a história pessoal dos supervisores, ainda nos revela que, buscam geralmente a supervisão após a vivência na docência, conforme podemos perceber nas falas abaixo:

Resolvi ir para supervisão por já possuir a experiência na docência (Supervisora 12).

Realizei-me como professora; acreditei que podia fazer algo a mais e especializei-me em supervisão escolar. Assumi então, a supervisão escolar (Supervisora 59).

As idéias de Huberman (1995), sobre o ciclo de vida dos professores, explicam que é comum os professores se envolverem em novas atividades após o período de

estabilidade. Neste caso, os supervisores passado o tempo de estabilidade na função docente, eles iniciam nova etapa na sua carreira profissional, ou seja, buscam diversificar seu fazer pedagógico atuando em cargo institucional, no caso a supervisão escolar. Ou seja, para Huberman (1995) eles não se conformam com a estabilidade, eles sentem a necessidade de se desvencilhar do sentimento de tédio e, para isso, vão à busca de novos desdobramentos na sua carreira. Buscar novos desdobramentos na carreira profissional indica também que eles estão buscando vivenciar novo papel social, configurando novos personagens, ou seja, “[...] são personagens que vão se engendrando umas às outras,” vão se constituindo e são constituídas pela história pessoal (CIAMPA, 2005, p. 154).

E, ao buscarem novos desdobramentos para sua carreira, 10,9% dos supervisores encontra na supervisão uma possibilidade de “enfrentar novos desafios além de sala de aula” (Supervisora 35) ou ainda, vêem a supervisão como “uma forma de trilhar novos caminhos e enfrentar novas questões, aprimorando ainda mais os conhecimentos e buscando a valorização profissional” (Supervisora 34).

O aspecto subjetivo da escolha profissional é ainda percebido por meio de 12,3% dos supervisores que consideraram os interesses pessoais na hora de sua escolha. Assim, afirmam:

Escolhi a supervisão em razão da minha curiosidade por esta função e a vontade de adquirir novas experiências na área da educação, bem como enriquecer meu currículo (Supervisora 18);

Resolvi assumir esta função como forma de melhorar o meu perfil profissional (Supervisora 21)

Os interesses de que tratam estas supervisoras estão intrinsecamente ligados às exigências do mundo contemporâneo. Buscam assim, manter-se em condições de desempenhar qualquer que seja a função dentro da escola, pois possuem o receio de se sentirem obsoletas.

Como as questões subjetivas não respondem sozinhas pelos fatores que levam à escolha por determinada profissão, precisamos analisar os fatores objetivos que implicam na escolha pela profissão.

Aspectos relacionados às condições objetivas

Dentre os fatores objetivos, 31,5% dos supervisores afirmam que escolheram a profissão considerando a natureza da ação supervisora e suas possibilidades, a demanda da profissão e interesses da instituição.

Ao afirmarem que escolhem a profissão “pelo fato da supervisão trabalhar com o fazer pedagógico” (Supervisora 02), os supervisores destacam o pedagógico como especificidade da ação supervisora, o que os permitem acreditar que por meio dessa função eles podem encaminhar “ações voltadas para a transformação de modelos pré-estabelecidos. O supervisor, então, tem a oportunidade de analisar e refletir a realidade na qual procurará intervir” (Supervisora 02).

O fato de parcela significativa dos supervisores pesquisados ter se referido à natureza da ação supervisora como fator decisivo de sua escolha, pode significar que para eles a função de supervisor “é um trabalho muito importante para o desempenho das atividades escolares” (Supervisora 60), ou ainda, eles estão considerando que desenvolvem atividade com função social de destaque que se traduz na possibilidade de “contribuir para o desenvolvimento da pessoa humana por meio da realização de trabalhos coletivos e sócio-culturais” (Supervisora 52). Ou ainda, como afirmam outras supervisoras:

Porque é uma função interessante e está ligado diretamente ao professor (Sup. 63);

[Porque] acredito que a escola com uma supervisora engajada na busca de um ensino de qualidade poderá proporcionar meios de práticas pedagógicas inovadoras, auxiliar o professor e o aluno na relação inter-pessoal e, acima de tudo procurar participar de uma construção consciente e coletiva da proposta pedagógica de acordo com a realidade da escola propiciando caminhos e atingir objetivos almejado/ traçados para o sucesso da aprendizagem do aluno (Sup. 68);

Assim, afirmamos que estes supervisores vêm na sua atividade profissional as possibilidades de mudança, mas também revelam a sua satisfação pessoal, seu prazer em poder contribuir para o desenvolvimento profissional de seus interlocutores e o desenvolvimento da própria escola. Afinal, o trabalho pedagógico seja o do professor ou do supervisor escolar, é distinto da maioria dos outros trabalhos, pois estes têm a responsabilidade com o desenvolvimento do processo educativo. O supervisor como coordenador e mediador da formação continuada do professor tem a possibilidade de juntamente com os demais profissionais que atuam na escola, planejar, concretizar e avaliar a atividade desenvolvida. Além disso, ninguém questiona o valor social da

educação o que permite que o supervisor escolar compreenda sua profissão como elemento essencial para a melhoria do processo ensino aprendizagem. Neste aspecto, Soratto e Olivier Heckler (1999) destacam que tais características contribuem para que o profissional se sinta desafiado e estimulado a explorar suas potencialidades, já que ele consegue prazer naquilo que realiza,

[...] não só porque pode ver claramente o benefício que está fazendo para o outro, o que é extremamente gratificante, mas principalmente porque consegue ver os benefícios que o trabalho faz para si mesmo. Consegue ver mudanças na sua pessoa. Após anos de trabalho percebe que mudou, ficou mais experiente, que as dificuldades de um tempo atrás, as quais pareciam intransponíveis, puderam ser superadas, passam a ver outras que não via antes e que se tornam agora desafiadoras. Tudo isso faz com que as pessoas se sintam vivas, participantes efetivas do mundo em que vivem (SORATTO; OLIVIER HECKLER, 1999, p. 1210).

As condições objetivas também se manifestam por meio das limitações sócio-econômicas que são impostas ao indivíduo e que condicionam sua escolha mediante o que o mercado de trabalho oferece, ou mediante o interesse ou necessidade da escola. É o que diz 17,8% dos supervisores pesquisados. Neste sentido, Ciampa (2005) explica que é questionável o grau de escolha que o indivíduo possui de escolher ou de ser escolhido para configurar determinado personagem. Sobre isso, as supervisoras abaixo relatam:

Escolhi pela necessidade desse profissional na época em que comecei a trabalhar, em 1978 (Supervisora 02);

Não escolhi. Foi imposta pela direção da escola (supervisora 38);

No início não foi uma escolha pessoal, foi uma necessidade da escola que no momento estava precisando de uma supervisora (supervisora 65);

Isto nos faz perceber que embora as supervisoras não tenham tido a oportunidade de escolher, eles decidiram permanecer, o que implica decisão pessoal. Mas, as determinações exteriores também podem se configurar em possibilidades para quem deseja desenvolver outra atividade, conforme nos relata as supervisoras abaixo:

Escolhi porque houve o teste seletivo para supervisor e, eu sendo selecionada... (supervisora 39);

Eu fui convidada pela direção da escola para assumir a supervisão (supervisora 43);

Em razão da demanda que se configurava por meio de concursos (supervisora 73).

Para estas três supervisoras, o teste seletivo ou mesmo o convite é visto como oportunidade que lhe é permitida para o desempenho de outra atividade profissional que até então não havia sido possível. Porém, não podemos deixar de considerar a presença de outros interferindo nas decisões e escolhas profissionais, pois estes convidam porque reconhecem naquele profissional a capacidade para o desempenho daquela profissão.

Considerações finais

Considerando as idéias de Ciampa (2005) sobre o processo de constituição da identidade, a análise dos dados sobre a escolha profissional revelou que esta escolha se apresenta como resultado da relação dialética entre subjetividade e objetividade. Isto é, para Ciampa (2005, p. 145), “[...] a unidade da subjetividade e da objetividade. Sem essa unidade, a subjetividade é desejo que não se concretiza, e a objetividade é finalidade sem realização.”

Desse modo, a articulação dialética entre fatores subjetivos e objetivos definiu a escolha pela supervisão escolar, mas os fatores subjetivos tiveram peso maior na escolha desses supervisores. Isso ficou claro para nós porque os níveis de satisfação que este trabalho oferece, em função da possibilidade de bons resultados impulsionaram essas pessoas rumo a esta escolha e, neste caso, as condições de exercício da profissão não os impedem de lutar por seus objetivos. Isso significa que ambos os fatores conduzem à escolha profissional, não podendo, portanto, entendê-las, de forma dissociada, mas em relação dialética, já que a própria escolha subjetiva supõe a internalização do mundo objetivo. Isto nos ajuda a compreender a contradição, as múltiplas determinações que envolvem o todo, que é o processo de escolha profissional, evidenciando sua construção social por meio da articulação entre os nossos interesses e necessidades e às expectativas sociais e determinações exteriores.

Referências

ALMEIDA, M. da C. A. **Quem é e o que faz o Supervisor de ensino/SP?** Estudo qualitativo de uma supervisora de 2º nível de uma organização escolar. São Paulo: PUC-SP, Dissertação (Mestrado em Educação), 1992.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2004.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BRAGA, D. de O. L. **As concepções de Supervisão Escolar e a prática dos supervisores egressos da UFPI**. Piauí: UFPI. Dissertação (Mestrado em Educação), 1999.

CARVALHO, M. de A. **A coordenação de área e a participação docente: uma experiência de trabalho em língua portuguesa**. São Paulo: PUC-SP, Dissertação (Mestrado em Educação), 1989.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. **Vida de professores**. Porto: Porto, 1995, p. 31-61.

MEDEIROS, M. V. **Tecendo sentidos e significados sobre a prática pedagógica do supervisor escolar**. Piauí: UFPI. Dissertação (Mestrado em Educação) 2007a.

MEDINA, A. da S. **Supervisão Escolar: da ação exercida à ação repensada**. Porto Alegre: AGE, 2002.

NOGUEIRA, M. G. **Um Resgate da Prática Política da Categoria dos Supervisores Educacionais Brasileiro - período 1978-1985**. São Paulo: PUC. Dissertação de Mestrado, 1987.

SILVA JR., C. A. da. **Supervisão escolar e política educacional no Brasil**. São Paulo: FEUSP, (Dissertação de Mestrado), 1977.

SILVA, L. B. de C. Contribuições para uma teoria psicossocial da escolha da profissão. In: BOCK, A. M. B. et. al. **A escolha profissional**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 25-44.

SORATTO, L. OLIVIER-HECKLER, C. Trabalho: atividade humana por excelência, In: CODO, W. (Coord.) **Educação**: carinho e trabalho. Rio de Janeiro: Vozes, 1999, p. 111-121.

TEIXEIRA, C. de S. M. **O administrativo e o pedagógico na ação supervisora**: as duas faces de uma moeda complexa. Piauí: UFPI. Monografia (Especialização em Supervisão Escolar), 2004.

TEIXEIRA, E. **As Três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.